



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

A ecopedagogia e a pedagogia da informalidade na escola

Hilda Gomes Dutra Magalhães¹

Resumo: A Ecoformação pretendida pela Ecopedagogia atua mais na esfera da sensibilidade, da imaginação, do que do saber racional, científico. Essa característica faz da Ecopedagogia a pedagogia da informalidade, embora não se reduza, de modo algum, a esta perspectiva. Neste artigo pretendemos refletir, a partir das premissas da Ecopedagogia, expostas por Gutiérrez e Prado em *Ecopedagogia e cidadania planetária*, a importância da pedagogia da informalidade na formação da consciência da sustentabilidade.

Palavras-chave: Ecopedagogia; Informalidade; Ecoformação.

Eco-pedagogy and pedagogy of informality AT SCHOOL

Abstract: The ecoformation supposed by the eco-pedagogy means to be more activate in the sphere of sensitiveness, of the imagination, more than in to know rational, scientific. This characteristic converts the ecopedagogy into a pedagogy of the informality. In this article, we will reflect, from the principles of the Ecopedagogy, exposed by Gutiérrez and Prado, in their *Ecopedagogia e cidadania planetária*, about the part of the informal pedagogy in the formation of the maintainable conscience.

Keywords: Ecopedagogy; Informal organization; Ecoformation.

Introdução

Conforme nos explica Libâneo (2003, p. 318), a organização formal da escola é a estrutura organizacional, aquela que é planejada e que está sistematizada nos documentos da

¹ Doutora em Teoria da Literatura pela UFRJ com pós-doutorado na Universidade de Paris III e EHESS/França. Professora do Mestrado em Ensino de Língua e Literatura na UFT. Email : hildadutra61@gmail.com

escola. Esta organização sofre, entretanto, fortes influências dos elementos informais, definidos pelo autor, como "um conjunto de fatores sociais, culturais e psicológicos que influenciam os modos de agir da organização como um todo e o comportamento das pessoas em particular", correspondendo ao currículo oculto (LIBÂNEO, 2003, p. 320) e "diz respeito aos comportamentos, às opiniões, às ações e às formas de relacionamento que surgem espontaneamente entre os membros do grupo." (LIBÂNEO, 2003, p. 318)

Estes elementos, de grande importância na definição do perfil da escola, são conhecidos como a cultura organizacional própria da instituição e, segundo Libâneo, corresponde ao clima organizacional, ao ambiente da escola. Na conformação dessa cultura da escola entram a dimensão mental, caracterizada pela interação do homem consigo mesmo, seus dramas familiares; a dimensão espiritual, que busca o crescimento espiritual do ser humano, colocando-o em sua ligação com Deus; a dimensão cultural, em que se valoriza a diversidade cultural das pessoas que compõem a comunidade escolar; a dimensão física e a dimensão criativa, centrada no desenvolvimento da sensibilidade para o Belo, essencial na prática educativa e humanizadora do ser humano.

Para compreendermos o papel da Ecopedagogia dentro da escola, é preciso, antes, entender o seu objetivo maior, que é a formação da consciência planetária, uma consciência fundadora de uma nova realidade, que priorize o respeito do homem em relação a todos os seres vivos, de modo a preservar as condições de vida no planeta. Conforme Capra (1993, p. 402-3),

A nova visão da realidade é uma visão ecológica num sentido que vai muito além das preocupações imediatas com a proteção ambiental. Para enfatizar esse significado mais profundo de ecologia, filósofos e cientistas começaram a fazer uma distinção entre 'ecologia profunda' e 'ambientalismo superficial'. Enquanto o ambientalismo superficial se preocupa com o controle e a administração mais eficientes do meio ambiente natural em benefício do 'homem', o movimento da ecologia profunda exigirá mudanças radicais em nossa percepção do papel dos seres humanos no ecossistema planetário. Em suma, requer uma nova base filosófica e religiosa.

A ecologia profunda é apoiada pela ciência moderna e, em especial, pela nova abordagem sistêmica, mas tem suas raízes numa percepção da realidade que transcende a estrutura científica e atinge a consciência intuitiva da unicidade de toda a vida, a interdependência de suas múltiplas manifestações e seus ciclos de mudança e transformação. Quando o conceito de espírito humano é entendido nesse sentido, como o modo de consciência pelo qual o indivíduo se sente vinculado ao cosmo como um todo, torna-se claro que a consciência ecológica é verdadeiramente espiritual.

Ou, conforme as palavras de Gutiérrez e Prado, a ecoformação surge mais de um sentir do que de um saber sobre o meio ambiente. Em comum com os paradigmas emergentes

da educação emancipatória, a Ecopedagogia preza a valorização da diversidade cultural, a interdisciplinaridade, a visão holística, o direito das minorias étnicas, religiosas, políticas, sexuais e culturais e a democratização da informação, mas a sua maior contribuição para a educação escolar está no desenvolvimento do conceito de cotidianidade como elemento formador. Como, dentro da escola formal, essa categoria faz parte dos domínios da organização informal e do currículo oculto mais do que na organização formal, ou seja, do que está escrito, a Ecopedagogia muito contribui para que compreendamos melhor a cultura organizacional da escola e sua importância na formação da cidadania.

De fato, considerando o seu estatuto como pedagogia do cotidiano, a Ecopedagogia é, antes de tudo, uma pedagogia da informalidade e por isso sua ação se dá num campo pouco conhecido e explorado pelos educadores, que é o campo da informalidade. A Ecopedagogia parte da premissa de que « as formas (vínculos, relações) também são conteúdos, pois, reproduzindo as palavras de Gadotti, esta pedagogia está « preocupada com a 'promoção da vida' » e por isso « os conteúdos relacionais, as vivências, as atitudes e os valores, a prática de pensar a prática (Paulo Freire) » devem ser privilegiados tanto no currículo formal quanto no oculto. " (GADOTTI, 2002, p. 94)

A ecopedagogia no espaço escolar

Mas, como trabalhar a cultura da escola, no campo da informalidade? Para Gutiérrez, a partir das pequenas coisas haveremos de derrotar a cultura da morte, que deve ser “suplantada pela cultura da vida”, tarefa fundamental “para recuperar o equilíbrio do planeta Terra” (2000, p.98). Uma cultura da vida deve ser a cultura do prazer, da descoberta, da criatividade, de novas relações e comunicações dos homens entre si e com as demais formas vivas e não vivas do planeta. Como nos explica Gutiérrez e Prado, é preciso não apenas cuidar do planeta, mas vivê-lo em plenitude, fazendo parte dele, comemorando e promovendo a vida.

Isso implica, portanto, na criação de uma novo código ético. Para os gregos, êthos era o refúgio externo do ser humano, sua morada, seu lar, o espaço da sua intimidade. Éthos, ao contrário, significava o espaço interno, seus traços subjetivos, como valores, caráter, hábitos, costumes. A ética, como se sabe, sempre foi um conceito fundamental nas discussões filosóficas. No contexto da Ecopedagogia, ressurge, como nos lembra Gadotti, não apenas uma virtude e um dever, mas condição mesmo de permanência do homem sobre a Terra (GADOTTI, 2002, p.90-91).

É preciso lembrar, entretanto, que existe uma grande diferença entre ética e moral.

Gutierrez entende como moral tudo o que se baseia em exigências, normas, leis, obrigações e, como ética, tudo o que se relaciona a valores internos. Assim, as relações são éticas "se nascerem de nós mesmos e do desejo profundo de amar os outros; são morais se a preocupação é 'cumprir' com as normas sociais estabelecidas."(GUTIÉRREZ, 2000, p.100)

Reproduzindo as palavras de H. Maturana, citado por Gutierrez, os limites da preocupação ética se inserem no ambiente social, fundam-se na percepção do outro. O outro não pode ser um espelho opaco, pois,

A preocupação ética nunca vai além dos domínios sociais em que surge. Funda-se na emoção, no amor, na visão do outro. Se uma pessoa não vê o outro, não se importa com o que aconteça a ele. Quando uma pessoa vê o outro, quando se fixa no que ocorre com o outro, começa a importar-se com ele, antes não. A preocupação ética é a preocupação pelo que acontece com o outro e pelo efeito de nossas ações. Se eu me preocupo com as conseqüências de minhas ações sobre o outro, quer dizer que tenho uma preocupação ética." (In GUTIÉRREZ, 2000, p. 101)

A Modernidade, de mãos dadas com o cientificismo e depois com o Capitalismo, foi turvando nosso olhar, aniquilando nossa subjetividade, de tal modo que o *outro* também foi desaparecendo. Se, antes do Capitalismo, o espelho que atestava a identidade do homem mostrava a imagem de Deus e dos valores divinos, através dos quais éramos julgados, mas também absolvidos e, absolvidos, estávamos aptos a recomeçar, sem máculas, o nosso peregrinar na terra, como mortais pecadores, isso foi mudando com o desenvolvimento da sociedade burguesa, capitalista.

Aos poucos fomos desaprendendo a olhar. O espelho passou a nos medir, então, pelos valores do Estado, depois pelos valores individuais, relativizados e enfraquecidos, até que passamos a não ver mais nenhuma imagem no espelho. Havíamos não apenas matado Deus, como também a imagem do outro, como nossa medida, como a medida das relações humanas e sociais, éticas e morais, e, portanto, também a nós mesmos. Todas as grandes verdades caíram por terra e, com a liberdade, herdamos também as incertezas, a ausência do consolo divino ou pelo menos do nosso semelhante. O Século XX assistiu ao homem vagando ao ermo, sem destino, sem porto seguro, sem arrego, jogado a si próprio e dominado, até a alma, pelo racionalismo capitalista. Como explica MORIN (2003, p. 15),

O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado

impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos.

Para recuperarmos novamente a nossa identidade como ser completo, em equilíbrio conosco mesmos e com a natureza, é preciso reconstruir a teia ética, o que só pode ocorrer se formos capazes de ativar "ações e relações, preocupações e exigências que se traduzem na afirmação da autenticidade e legitimidade », no encontro com o outro, no compromisso com o outro e com tudo o que nos cerca. (GUTIÉRREZ, 2000, p.101).

Como nos explica Boff (2004, p.27), precisamos de uma nova ética “que permita uma nova convivência entre os humanos com os demais seres da comunidade biótica, planetária e cósmica; que propicie um novo encantamento face à majestade do universo e à complexidade das relações que sustentam todos e cada um dos seres.” É no sentido de propiciar o surgimento dessa nova ética que a Ecopedagogia deve atuar, formando o indivíduo para um novo modo de "estar no mundo, um jeito de pensar a partir da vida cotidiana, que busca sentido a cada momento, em cada ato, que 'pensa a prática' (Paulo Freire), em cada instante de nossas vidas, evitando a burocratização do olhar e do comportamento." (GADOTTI, 2002, p. 91)

No cotidiano da escola, isso significa que se deve dar mais atenção ao outro, saber quem é ele, os seus problemas, seus gostos, pois é essa cadeia comunicativa que nos levará a construir a ética planetária, que consiste em respeitar o outro como parte de mim, estendendo-se esse respeito também a todas as formas vivas ou não vivas do planeta. Mas é preciso, também, nos lembrarmos sempre de que esse aprendizado só se torna real quando concretizado em ações que venham beneficiar a comunidade, seja ela a comunidade interna ou externa da escola (MAGALHÃES, 2004, p.126-7)

O terceiro espaço que a Ecopedagogia sugere que seja trabalhado sobretudo na informalidade, é o da sensibilidade, porque através da sensibilidade podemos entrar em sintonia com o cosmos e restaurar o equilíbrio dinâmico entre os sistemas vivos. Como sabemos, o desenvolvimento excludente, sustentado no cientificismo e na lógica do Capital, jamais produziu tamanha segregação, tantas privações e tanta violência. Sob o império da razão, as pessoas deixaram de « sentir », perderam a sensibilidade, a leveza da vida, a capacidade de percepção do mundo e, portanto, também a capacidade de fruição.

Esterilizado em seus sentimentos, o indivíduo tornou-se incapaz de perceber, de modo

sensível, o mundo ao seu redor. O equilíbrio a que está acostumado é o equilíbrio estático, estéril do racionalismo, que reproduz, em larga escala, um desequilíbrio cada vez maior, tão grande a ponto de ameaçar as condições de vida no planeta.

Repetindo as palavras de Gutiérrez (2000, p.106-107)

O subdesenvolvimento da sensibilidade e da incapacidade emocional explicam amplamente a desumanização de nossa sociedade. Esse desequilíbrio da sensibilidade social, fruto das políticas econômicas centradas no ter e não no ser, trouxe como consequência a supervalorização do institucional e da menos-valia do pessoal. Nessa situação, o ser humano se vê forçado à estaticidade, estreiteza, rigidez, normatização e imposição excessivas e que, por si mesmas, explicam a ausência da dimensão ética e das exigências ecológicas em nível pessoal, institucional e social.

Para que se possa reverter esse quadro, é preciso que agucemos nossa sensibilidade, buscando o equilíbrio dinâmico, em busca de "um desenvolvimento economicamente viável, socialmente justo, ambientalmente adequado e a partir de uma dimensão ética." (GUTIERREZ, 2000, p. 105)

No plano escolar, é preciso incentivar a formação do indivíduo pela sensibilidade, buscando, no cotidiano da escola, a imersão do educando no mundo:

Precisamos, mais do que perseguir objetivos (econômicos), viver processos que favoreçam a flexibilidade, a abertura, o frescor e o contato sensível, profundo e limpo com os seres e as coisas. (...) Precisamos recuperar e desenvolver a capacidade de sentir, de nos emocionarmos, de vibrar.

Chegaremos a 'sentir a Terra a partir de nossa própria experiência : sentir o vento em nosso cabelo, saborear as águas da montanha, penetrar na mata virgem e captar as variadas e ricas expressões da biodiversidade. Fazer ressurgir esse encantamento especial que nos leva a descobrir a sacralidade do universo, despertando sentimentos de intimidade e gratidão' .(GUTIÉRREZ, 2000, p. 107)

No cotidiano do espaço escolar, em todos os momentos, é preciso criar um estado de formação permanente da sensibilidade; desenvolver uma pedagogia dos sentidos, aguçando-os o máximo possível : sentir o mundo pelo tato, pela visão, pela audição, pelo paladar deve fazer parte do cotidiano da escola fora e dentro da sala de aula, do mesmo modo que é preciso que os alunos sejam incentivados a se emocionar, sorrir, rir, chorar.

O estar no mundo deve ser compreendido sempre como um « estar com o outro », e as

práticas que levem a essa vivência não podem ser realizadas de forma esporádica dentro da escola, mas de forma contínua, incorporada na informalidade, na cultura da escola.

A formação da sensibilidade deve ser, portanto, uma preocupação cotidiana de todos os que atuam no meio estudantil e deve ser desenvolvido em conjunto com o quarto espaço da Ecopedagogia, que é o que Gutiérrez denomina “cantinho de ternura”, uma forma de convivência mais fraterna do homem em relação a tudo o que o cerca. A este respeito, o autor lembra a relação dos indígenas com a terra, que leva em conta uma espécie de grande comunidade inter-relacionada, que inclui, de um lado, animais, plantas, seres humanos e objetos físicos, e de outro, espíritos. Essa dinâmica é interrompida pela cultura patriarcal, visto que a "apropriação e a lógica da acumulação do crescimento ilimitado e linear nos levaram à crise ecológica que hoje tanto lamentamos. Os seres humanos perderam as relações harmônicas com sua mãe Terra: aproveitaram-se dela, saquearam-na, dominaram-na".(GUTIÉRREZ, 2000, p. 109)

É necessário o resgate da convivência harmoniosa, em que o abraço, o sorriso, a saudação são os instrumentos de demonstração de nosso afeto fraternal em relação ao outro. Através da convivência devemos exercitar a simpatia, o amor, fazendo do espaço da escola o espaço do estreitamento dos elos de amizade e solidariedade entre as pessoas, vivência que é profundamente enriquecedora, profundamente formadora, profundamente humana.

Lembretes no material escolar, no papel timbrado da escola, na porta da sala de aula, nas falas de acolhida, de despedida dos alunos, todos devem estar ligados não à formação do intelecto, mas à formação ética pela convivência, pela sensibilidade, pela ternura, pelo “estar com o outro”. A sala de aula deve ser sempre o espaço do encontro, do riso, do abraço, da emoção, da solidariedade e não apenas da construção de saberes racionais. Deve ser o espaço em que as pessoas dividam seus medos, como ocorre nos grupos de auto-ajuda contra vícios diversos, mas também o espaço em que as pessoas compartilhem suas alegrias, agora vivenciadas em conjunto.

Outro espaço de aprendizagem sugerido pela Ecopedagogia deve nos levar ao desenvolvimento da capacidade de apreensão intuitiva do mundo. Dentro desse espaço, devem ser trabalhadas as dimensões estéticas de um modo geral. Como diz Daniel Goleman, citado por Gutiérrez ,

se num sentido estrito temos duas mentes, a que raciocina e a que sente, a que racionaliza e a que intui, no agir humano ambas devem integrar-

se porque 'os caminhos da vida não são certamente os da academia' :a'vida tem sentido a partir do que sentimos' e a 'chave para uma tomada de decisão mais sábia é em suma : estar mais sintonizado com nossos sentimentos' ".(GUTIÉRREZ, 2000, p. 115)

No campo da formalidade, temos as aulas de artes, os concursos de poesia, os encontros culturais, enfim uma série de atividades que visam a educação da sensibilidade do aluno. Entretanto, no campo da informalidade, o desenvolvimento dessas categorias devem estar ligadas ao incentivo para que os alunos se tornem, eles próprios, testemunhos da imaginação e da arte, nos espaços não formais da convivência na escola. Devem ser também encorajados a trabalhar o corpo, o visual, a frequentar teatros, concertos, museus, aguçando sempre a sensibilidade, o que é fundamental para aumentar a capacidade de apreensão intuitiva do mundo.

Além da dimensão emocional, tem grande relevância o papel da imaginação dentro do processo educativo. É através da imaginação que tornamos visível o mundo das possibilidades, que antevemos o futuro, as nossas invenções, que damos forma aos nossos desejos e, portanto, construímos o que há de vir. É pela imaginação que sonhamos, que tornamos mais próxima a esperança, que transpomos as barreiras que parecem inacessíveis e alcançamos o sonho que poderá, um dia, se transformar em realidade. Como afirma Gutiérrez, se no nosso cotidiano aprendemos a colocar em prática nossa imaginação criadora, « poderemos nos libertar da mecanização mental, do encadeamento ordenador e centralizador de nosso cérebro e assim transitar pelos caminhos variados, originais, complexos, abertos e holísticos do novo paradigma. "(GUTIÉRREZ, 2000, p. 118)

A sensibilidade deve estar acompanhada, portanto, da imaginação, daí a importância de se desenvolver essa dimensão no espaço escolar:

Educar a imaginação é ter fé nas possibilidades que nascem do processo educativo com vistas à construção de um mundo possível que se faz, se transforma e se constrói conosco. Trata-se, em consequência, de fazer com que as realidades inexistentes existam; trata-se de fecundar futuros plena e audaciosamente; trata-se de tornar visível o que é invisível através do permanente re-embasamento do presente ; trata-se de se preocupar ativamente pelo inacabado ; trata-se, enfim, de priorizar em nossas vidas a subjetividade e a imaginação criadora numa linha de força que dá sentido e plenitude à epopéia humana. (GUTIÉRREZ, 2000, p. 118-119)

Além das balizas apontadas, a ecoformação inclui também a formação espiritual. Essa formação, como nos lembra Leonardo Boff, sempre fez parte da vida humana:

Desde tempos imemoriais, todos os povos e culturas se enchiam de veneração face à realidade do Divino que impregna todo o universo; vivenciavam o significado sagrado de todas as coisas e cultivavam a espiritualidade como aquela visão interior que unia tudo à sua Fonte divina. Somente nos últimos quatro séculos surgiu um tipo de humanidade cega a estas dimensões e, por isso, profundamente empobrecida em sua realização no mundo. Ela encurtou a realidade ao tamanho dos cinco sentidos, organizados pela razão analítica. (BOFF, 2004, p. 23-24)

Os tempos atuais exigem uma nova postura do homem no mundo, e essa postura inclui uma nova espiritualidade. Retomando novamente as palavras de Boff,

buscamos hoje ansiosamente uma espiritualidade simples e sólida, baseada na percepção do mistério do universo e do ser humano, na ética da responsabilidade, da solidariedade e da compaixão, fundada no cuidado, no valor intrínseco de cada coisa, no trabalho bem feito, na competência, na honestidade e na transparência das intenções. (BOFF, 2004, p. 25)

O que se observa, portanto, nos dias de hoje, é o curso de uma transformação muito mais profunda do que poderíamos imaginar, impondo uma nova cultura, um novo modo de ser e de estar no mundo. Joost Kuitenbrouwer assegura : « vejo uma revolução espiritual radical como fonte essencial de inspiração aos movimentos e transformações sociais nos campos cultural, social, político e econômico. Sem ela, qualquer tentativa de transformação das formas ocidentais psicofísicas de ser não poderão ser superadas”. Citado por Gutiérrez (2000, p. 122). A este respeito também se manifesta Capra, afirmando que, em nosso tempo, "Fluem unidas uma consciência ecológica e uma consciência espiritual profunda" (GUTÉRREZ, 2000, p. 123).

No âmbito da escola, essa espiritualidade pode ser trabalhada a partir de dogmas religiosos, mas também através de um comportamento telúrico diante da vida. Essa visão telúrica do mundo se basearia numa aproximação da natureza como forma de nos unirmos à Criação, como retorno à unidade perdida, como celebração do mistério da vida, como o faziam os românticos.

Qualquer que seja o caminho escolhido, a espiritualidade deve estar presente no cotidiano da escola, através de cartazes, imagens, apelos religiosos, orações, reflexões, cerimônias, de modo a proporcionar ao aluno o conforto dessa ligação com algo superior, o conforto da aproximação com algo que é maior do que nós e que nos consola e apóia nos momentos de aflição ou de tristeza, mas que também se faz presente em nossa alegria.

A escola deve manter, com esse fim, um ambiente para que os alunos possam se recolher em prece ou em contemplação espiritual, sempre que necessitarem. A ligação com o sagrado, qualquer que seja a sua concepção, reconhece a ciência, ajuda a manter o equilíbrio não apenas psíquico e sentimental, mas também biológico das pessoas, e portanto não deve ser menosprezada na pedagogia do cotidiano, dentro do espaço escolar.

Finalmente, o último espaço sugerido pela Ecopedagogia diz respeito à formação da consciência planetária, o que significa incorporar em nós uma dimensão cósmica, uma visão de pertencimento a um cosmos, de pertencimento a um equilíbrio dinâmico. Quando os astronautas, do topo da lua, enxergaram o planeta Terra, diz Gutièrrez, comoveram-se ao se depararem, do topo da Lua, com o seu planeta. Neste momento, experimentaram uma espécie de « experiência mística » que modificaria « para sempre suas relações com a Terra, originando uma tomada de consciência de nossa pertença planetária e também de nossa dimensão cósmica. » (GUTIÈRREZ, 2000, p.122)

É essa consciência que visa formar a Ecopedagogia, entretanto formar essa consciência não é tão simples. Para que não nos frustremos na caminhada, precisamos levar em consideração que nossa escola não tem tradição em formação para a cidadania. Eivada por um lastro fortemente tradicionalista e conservador, a escola se incumbe, na melhor das hipóteses, em instruir, em passar informações. Para isso fomos formados. Isso é o que a comunidade espera de nós. Isso é ainda o que o sistema espera da escola. Finalmente, também é isso que os nossos alunos buscam ao chegarem à escola.

Em outras palavras, a escola sempre teve como tarefa fundamental a preparação de indivíduos para se adequarem da melhor forma possível ao meio de produção. No momento atual, há uma grande expectativa para que a escola continue a desempenhar esse papel, formando a mão de obra qualificada para o avanço do capital e que também forme o consumidor dos produtos digitais lançados no mercado.

Outra grande dificuldade que teremos de enfrentar é o fato de que o conceito de cidadania está fortemente centrado no conceito de propriedade e de nacionalização. A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, garante a liberdade individual e a

propriedade, apresentando uma concepção estreita de cidadania. Não será, portanto, de um dia para o outro que passaremos a considerar como nossa casa a Terra, e a defendê-la como o fazemos com as nossas propriedades. O conceito que se tem hoje se restringe, na melhor das hipóteses, ao exercício do voto, ao direito de ser respeitado como cidadão, exigindo a qualidade anunciada dos produtos que compra.

O sentido mais amplo de cidadania inclui os direitos acima, mas não está limitada aos direitos puramente individuais. Conforme as palavras de Gadotti ,

Ela se manifesta na mobilização da sociedade para a conquista dos direitos acima mencionados, que devem ser garantidos pelo Estado. É uma cidadania que visa também à conquista e construção de novos direitos. O cidadão é cumpridor das leis, paga impostos e escolhe seus representantes políticos está exercendo a cidadania. Mas a cidadania plena é mais exigente. Ela cria novos direitos, novos espaços de exercício da cidadania. (GADOTTI, 2002, p. 111)

O que a Ecopedagogia entende por cidadania é o conjunto de deveres e direitos do cidadão para com a Terra, para com a sua morada. Essa cidadania está ligada a expressões como 'nossa humanidade comum ', " unidade na diversidade ", " nosso futuro comum », « nossa pátria comum » e « cidadania planetária ». Não estamos nos referindo mais, portanto, ao conceito de cidadania como conquistas individuais a serem proporcionadas por um poder central, o Estado.

Estamos falando de uma cidadania em que o *eu* se transforma sempre em *nós*, estejamos nos referindo a direitos ou a deveres, em dimensões planetárias, o que, conforme Morin (2005), pressupõe a elaboração de regras comuns, a serem observadas por todos os habitantes do globo terrestre, o que está longe de ser alcançado. É preciso termos a consciência, também de que não pode haver uma cidadania planetária sem que haja também uma cidadania local e nacional, « pois uma cidadania planetária é por essência uma cidadania integral, portanto, uma cidadania ativa e plena não apenas nos direitos sociais, políticos culturais e institucionais, mas também econômico-financeiros ». (GADOTTI, 2002, p. 117)

Considerações finais

Como se percebe, enormes são os desafios na construção dessa nova cidadania, já que estamos acostumados a pertencer à nossa classe, ao nosso país, ao nosso grupo, e percebemos como estranho todos que não falam a nossa língua, não se vestem como nós e não se

comportam como nós. Essa construção será o resultado de um longo processo de amadurecimento, no qual a cultura informal da escola desempenhará um papel fundamental. Dessa cultura informal nascerão as bases da ecoformação e, por isso, essa dimensão da vida escolar jamais deve ser subestimada, se quisermos contribuir para a formação da sociedade sustentável.

Não basta, portanto, que reconheçamos a existência do clima organizacional da escola, ou a cultura da escola. É necessário, e talvez essa seja a mais importante contribuição da Ecopedagogia nas discussões dos novos paradigmas educacionais, que a informalidade seja discutida, que o clima educacional da escola seja trabalhado de modo a propiciar o sucesso da ecoformação dos alunos. É preciso que o currículo oculto seja tanto quanto possível desvelado, discutido e planejado, do mesmo modo que o projeto político pedagógico deve contemplar, com o mesmo grau de importância, essa dimensão do processo ensino-aprendizagem.

Sem essa disposição, estaremos condenando a Ecopedagogia ao fracasso dentro das escolas. Estaremos repetindo as metodologias puramente informativas, essencialmente voltadas para a razão, sem nos darmos conta de que não se forma a sensibilidade através dos mesmos métodos com os quais se formam o intelecto. Se compreendermos isso e formos capazes de sistematizar uma pedagogia da informalidade na escola, teremos andado meio caminho na busca da ecoformação de nossos alunos, dando um passo importante para a formação da sociedade sustentável, a grande tarefa da escola de hoje.

Referências

- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CAPRA, 2003. Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da terra e educação sustentável*. www.168.96.200.17/ar/libros/torres/gadotti.pdf+ecopedagogia&hl=pt-BR. 2002. Acessado em 01/05/2005.
- GUTIÉRREZ, Francisco e PRADO, Cruz. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. Trad. Sandra Trabuco Valenzuela. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- LIBÂNEO, 2003. José Carlos, OLIVEIRA, João Ferreira e TOSCHI, Mirza Seabra. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *A pedagogia do êxito*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 8ª.ed.Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília,UNESCO, 2003.

_____. Por uma globalização plural. www.globalization.or/biblioteca/moringpPlural.htm. 2005. Acessado em 11/08/2004.